



Por: Osvaldo Silva  
Professor Auxiliar do Departamento de Matemática  
e Estatística da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade dos Açores  
osvaldo.d.silva@uac.pt

# A Estatística e as Fake News

Numa época em que o desenvolvimento tecnológico e a expansão das plataformas digitais propiciam um aumento exponencial da informação, todos somos consumidores e podemos também ser produtores de informação. No entanto, ao mesmo tempo deparamo-nos com um nível elevado de intoxicação noticiosa, em que muitas das vezes ficamos na dúvida se a mesma é verdadeira ou não. Essa proliferação de notícias falsas (fake news) em alguns meios de comunicação social, e em especial nas redes sociais, está a se tornar uma séria ameaça na sociedade atual, dado que essa informação que é transmitida é, por vezes, manipulada, minando as democracias em pleno século XXI.

O descrédito e a desconfiança na informação que é veiculada é uma das principais intimidades às sociedades livres e democráticas. Numa altura em que vivemos numa época da guerra da desinformação, com efeitos muitos nocivos para os seus consumidores, os produtores que a manipulam, indevidamente, podem lucrar e atingir os objetivos por estes pretendidos, à custa da ingenuidade dos cidadãos. A maioria de nós ficamos incrédulos com os resultados de algumas eleições (por exemplo, em 2016, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América ou, mais recentemente, em 2018 a de Jair Bolsonaro no Brasil) e com os de alguns referendos (o caso mais mediático é o do Brexit, no Reino Unido, em 2016) que se têm realizado nos últimos anos. Essa utilização perniciososa de notícias falsas misturadas com alguns conteúdos verdadeiros serve como engodo para a manipulação da opinião pública, para desinformar e confundir os seus consumidores e é, por vezes, usada também como instrumento de propaganda política. Assim deverá haver uma forte sensibilização da sociedade em geral relativamente a esta ameaça e a tomada de medidas preventivas que sejam eficazes, aliadas a uma aposta a nível da regulamentação e inspeção da qualidade e veracidade das informações veiculadas, a par da promoção da literacia digital e estatística.

Num período onde abundam as mais variadas fontes de informação e o fluxo de informação disseminada pelos media é cada vez maior, verifica-se que sobretudo na Internet, e com especial ênfase nas redes sociais, há por vezes a contaminação dos seus conteúdos, o que pode levar à desinformação. Muitas vezes a dimensão emocional superioriza-se à dimensão racional, levando a que alguns factos e argumentos serem ignorados ou desvalorizados, indo-se atrás de populismos e sensacionalismos ilusórios. O propósito das pessoas que promovem e disseminam essas notícias falsas é o de reforçar as suas ideias pré-concebidas ou de ideologias junto de parte da população que não desconfia da qualidade e veracidade das informações difundidas. Para além de interesses económicos associados à existência das fake news, como sejam a dos negócios na Internet baseados em anúncios, também existem interesses políticos e ideológicos, com o intuito de promoverem e disseminarem informações que os possam beneficiar. O uso e a propagação de notícias pouco precisas, que podem gerar a confusão e a dúvida, podem condicionar os comportamentos eleitorais dos seus cidadãos.

Quem produz as notícias falsas (fake news) conhece geralmente a realidade que está a descrever, mas tenta distorcê-la pelos mais variados motivos e interesses, os quais podem ser de cariz ideológico, político e/ou económico. Os que divulgam essas

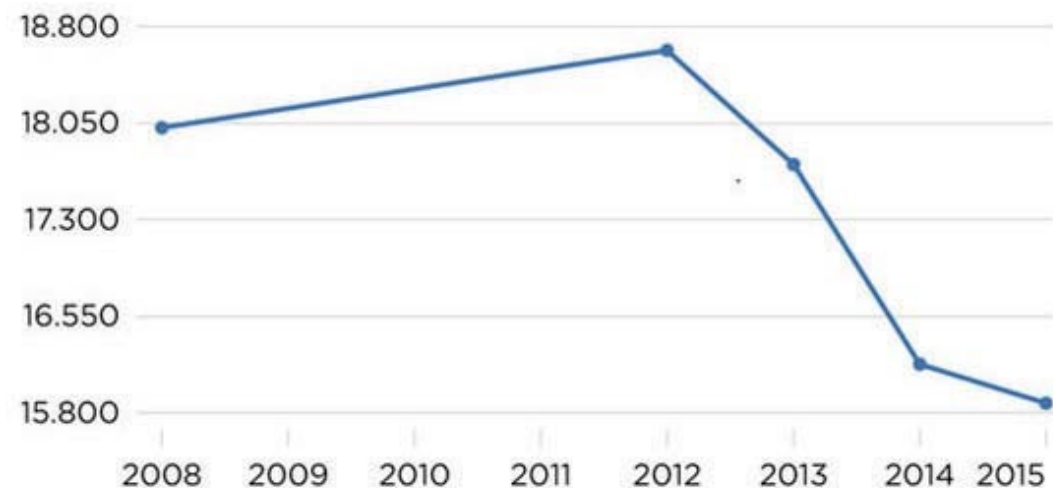


Figura 1 – Número de abortos em Portugal

notícias falsas podem: não saber da veracidade dos factos relatados e a disseminação ocorrer por mera ignorância; desconfiar dessas notícias, mas não envidarem esforços para confirmarem a sua veracidade, e espalham-nas quando acham conveniente; saber que são falsas, mas espalham-nas por conveniência.

A confiança nas instituições, tanto públicas como privadas, é um fator de extrema importância, mas só funciona de forma efetiva quando há transparência e imparcialidade a nível das informações veiculadas. Só com uma aposta na literacia das populações e na reflexão sobre o exercício da sua cidadania, desenvolvendo a capacidade de avaliar as informações que nos rodeiam, promovendo o raciocínio e o pensamento crítico sobre o contexto envolvente, é que podemos promover uma sociedade mais democrática em que os cidadãos sejam mais bem informados.

Algumas vezes, que não são assim tão poucas, dizem que a Estatística pode ser utilizada para esse fim perverso, o de dar credibilidade a uma notícia falsa. Já no século XIX, Benjamin Disraeli referia que “Há três tipos de mentiras: as comuns, as deslavadas e as estatísticas”, isto é a Estatística pode ser usada para fins pouco dignos. Atenção que a Estatística é utilizada em todas as áreas científicas e no quotidiano de todos de nós, por pessoas com as mais variadas formações de base. No entanto, muitas dessas pessoas têm competências muito básicas ou rudimentares ao nível da Estatística, pelo que os resultados obtidos, assim como a sua interpretação, são muitas vezes limitativos e, em algumas situações são obtidos de forma incorreta, por ignorância ou por escolhas tendenciosas para mostrar só aquilo que é mais conveniente na perspectiva dos disseminadores dessas informações.

Muitas das vezes esses disseminadores recorrem à Estatística para tentar dar credibilidade à sua notícia, colocando uns números, índices, tabelas e/ou gráficos para promover o interesse e a atenção das pessoas. O desconhecimento, a falta de tempo e de curiosidade do leitor levam a que não seja feita uma verificação da veracidade do que é apresentado. No entanto, convém alertar para o facto de que,

em algumas das situações, as informações e dados apresentados podem estar distorcidos, para tentar parecer o que não são verdadeiramente (vende-se gato por lebre). É por isso que a célebre frase do escritor britânico Wells, no início do século XX, “Pensar estatisticamente será um dia tão necessário para se exercer a cidadania quanto a capacidade de ler e escrever” é extremamente atual e pertinente nos dias de hoje, remetendo para a necessidade de uma aposta na literacia estatística.

Para estar alerta, por forma a averiguar se uma notícia é falsa ou não, os cidadãos devem desenvolver ou adquirir habilidades/competências ao nível da literacia estatística, fazendo uma leitura pormenorizada das informações disponíveis, verificando por exemplo se a fonte da informação é de confiança. Cuidado com os artifícios usados para maquiar os resultados, principalmente com recursos a gráficos, em que as escalas se encontrem de forma incorreta e/ou haja omissão de dados. As artimanhas usadas podem levar a criar uma impressão aparente sobre uma realidade que é camuflada, criando ideias falaciosas sobre a mesma. A Figura 1 dá-nos a impressão de que nos últimos anos o número de abortos desceu de forma drástica e induz a que algumas pessoas fiquem com a ideia errónea, de que esse número se aproximou de zero.

Esta temática de se usar a Estatística para confundir e enganar os cidadãos já não é muito recente. Em 1954 Darrell Huff publicou um livro, intitulado “How to Lie With Statistics” (Como Mentir Com Estatística), utilizando uma linguagem simples e muito acessível, articulando com algumas ilustrações, para retratar como o mau uso da Estatística pode ajudar a distorcer opiniões com base em dados maquiados. Qual o grau de confiança que os cidadãos podem consignar em relação às análises estatísticas que lhes são apresentadas?

Devemos todos estar muito atentos e sensibilizados para fazer uma avaliação ponderada e imparcial da informação que nos é apresentada. Averiguar se a amostra é enviesada ou não, consultando sempre que possível a ficha técnica associada a esse estudo, para saber exatamente qual foi o processo de amostragem usado. Se a seleção dos

inquiridos não for aleatória existe uma grande possibilidade de manipular e condicionar fortemente os resultados obtidos. A escolha dos indicadores a serem utilizados aquando da interpretação dos resultados condiciona também as opiniões retiradas, sendo de salientar que a média é muito afetada por valores muito grandes ou muito pequenos comparativamente aos restantes valores da série de dados. Basta que exista algum valor muito fora do contexto (valor aberrante) para que se crie uma visão aparente sobre essa realidade. Por exemplo, se tivessem esta informação (500, 500, 500, 600, 700, 700, 2000) referente aos salários mensais de colaboradores de uma determinada empresa e se fossem pedir a opinião do sindicato representativo do setor diriam que o salário mais frequente dos colaboradores era muito baixo (500 euros mensais, usando a moda para esse efeito), próximo do salário mínimo, enquanto que a entidade patronal diria que o salário médio dos seus colaboradores é de 785 euros mensais que é mais elevado do que a maioria das empresas nesse setor. Opiniões muito diferentes e obtidas a partir dos mesmos dados, mas cada um escolhendo o indicador que lhes é mais conveniente.

À medida que uma maré crescente de notícias falsas ameaça a integridade da discussão que podemos ter acerca do mundo que nos rodeia, as instituições públicas e privadas e os cidadãos devem exigir e desenvolver todas as diligências possíveis para que as fontes promovam e monitorizem as informações disponibilizadas, para que estas sejam de qualidade e de confiança. Os produtores e divulgadores devem aprender como interpretar as informações que publicam e devem desenvolver competências que os capacitem para relatar dados com precisão. Essa necessidade de uma maior alfabetização a nível da utilização de dados e do desenvolvimento da literacia estatística é uma tarefa de todos nós. Participe de forma ativa neste exercício de cidadania plena, de forma a potenciar uma sociedade mais democrática para si e para as gerações vindouras. Não arranje a desculpa de que este problema é só dos outros e não deixe para amanhã o que pode e deve fazer hoje!